

Do inimigo aperte a mão
Com doçura, sem rancor.
Ao contacto do perdão,
Toda pedra vira flor.

O CRISTÃO ESPÍRITA

«Fé inabalável só é
a que pode encarar
frente a frente a razão,
em todas as épocas da
Humanidade».

Allan Kardec

Órgão Doutrinário-Evangélico da "CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES"
Fundador: AZAMOR SERRÃO ★ Diretor: INDALÍCIO H. MENDES

ANO I

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1965

Nº 2

ALLAN KARDEC

HA cento e sessenta e um anos, precisamente a 3 de outubro de 1804, reencarnou na cidade francesa de Lião um grande e nobre Espírito, ao qual foi dado o nome de Denizard-Hyppolite-Léon Rivail. Estava-lhe destinada a importante missão de fundar o Espiritismo, depois de larga e profunda preparação moral e intelectual. Esse homem chamar-se-ia, quase ao fim da jornada terrena — Allan Kardec, nome que tivera em outra encarnação, quando vivia entre os druidas, nas Gálias.

Em 1854, já com cinquenta anos, teve Rivail sua atenção ligeiramente chamada para estranhos fenômenos «sobrenaturais», através de «misteriosas» «mesas-falantes», mas, somente no ano seguinte teve a oportunidade de ouvir seu velho amigo Carlotti referir-se com entusiasmo a tais fenômenos. Homem circunspecto e severo consigo mesmo, Rivail não se interessou muito pelo assunto, até que, em maio desse mesmo ano, em vista da insistência de Carlotti, concordou em acompanhá-lo a uma sessão



na casa do Sra. Plainemaison, Rua Grange-Baellière n. 18. Lá voltou várias vezes, tornando-se assíduo.

Eis o seu testemunho: «Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações, que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão».

Portanto, a data de 3 de outubro toca profundamente o coração dos espíritas, pois realça particularmente a enorme significação da obra de Allan Kardec, o «Missionário da Luz», resumida neste lema expressivo: «Trabalho — Solidariedade — Tolerância».

O auto-de-fé de Barcelona

O Espiritismo também experimentou, quase no fim do século dezanove, a fereza implacável do ultramontanismo, quando, a 9 de outubro de 1861, em Barcelona, Espanha, foi «simbolicamente extinto», ao serem lançados à fogueira inquisitorial, com toda a mácula solenidade do Santo Ofício, numa esplanada do bairro de La Ribera, nada menos que trezentos volumes espíritas.

O bispo de Barcelona, imbuído do mesmo sentimento anti-cristão dos velhos e ferrenhos inquisidores, não podendo queimar vivos os adeptos de Allan Kardec, fizera convergir todo o seu ódio sectário contra os livros espíritas, que o Santo Ofício confiscara ilegalmente. Semelhante procedimento, contrário aos princípios evangélicos, porque negadores da tolerância e bondade que Jesus ensinou e exemplificou, constituiu, no entanto, poderoso estímulo à divulgação maior do Espiritismo dentro da Espanha, não obstante a sanha

perseguidora de inimigos que falavam no Cristo, mas não o seguiam, como ainda hoje acontece.

Depois de o sol da liberdade se haver entre-mostrado à gloriosa e querida terra de Cervantes, sem, contudo, substituir de todo as trevas da intolerância religiosa ali dominante, sobreveio, em 1953, a Concordata do Governo com a Santa Sé, o que significou o restabelecimento de longa era de obscurantismo, até hoje. Assim, reviveu, mais feroz do que nunca, a hostilidade ao Espiritismo e aos espíritas, ficando o movimento kardequiano asfixiado sob as sombras espessas da opressão ultramontana.

Como agora o Papa Paulo VI está exaltando a necessidade da liberdade religiosa, em vista de perseguições ao clero católico em determinados países, há uma débil esperança de que essa liberdade purifique também a atmosfera do pensamento espanhol, para que o Espiritismo possa respirar um pouco na castigada e nobre Espanha. Oremos para que seja sincera essa atitude em prol da liberdade religiosa... para todas as religiões.

A CASA DE DEUS

Pelo Espírito de BEZERRA DE MENEZES

A casa de Deus, filhos, é o universo inteiro, porque, Deus está em toda parte, a revelar-se para que as forças do mal não conduzam para as trevas os que buscam a luz, para orientar-lhes a caminhada pela estrada da vida, em roteiro seguro para perfeita união com o Pai, que é o supremo amor, a suprema alegria, tão bem representado pelo espelho sublime que sua imagem reflete — Jesus.

O nosso Mestre amado ensina-nos em seu Evangelho de amor o caminho da Verdade, fazendo de nossos corações um verdadeiro templo de Deus, pelas vibrações celestias que deles emanam. Esses corações, alimentados por pensamentos puros de mentes já iluminadas para orientar as atitudes fraternas de paz e amor a serviço do Cristo de Deus, esclarecem as ovelhas a fim de que não se desviem do caminho verdadeiro, fazendo das casas de oração casas de comércio, onde as almas se reúnem para o maravilhoso encontro com Deus, não se permite nem um só gesto que identifique qualquer transação comercial, porque o ouro traz a ambição e a ambição pelo ouro é que perde as almas, interrompendo a caminhada para Deus.

O Mestre Jesus nos adverte quanto a isso de forma bem concisa, que não deixa nem uma dúvida. Mas certos orientadores religiosos é que não querem entender a Divina Mensagem do Mestre.

Quando Jesus fez sua entrada triunfal em Jerusalém, o povo veio alegremente para as ruas para recebê-lo, bradando em vozes fortes e chelas de entusiasmo: Viva Deus nas alturas e Jesus entre os homens!

Jesus foi ao templo. Pelos pátios, pelos arredores e dentro do Templo, se fazia mercado de animais, cereais e tudo quanto aquela gente possuía para ven-

der, com o consentimento dos sacerdotes. Então, Jesus mandou que se retirassem dali com suas mercadorias, pois era sacrilégio fazer da casa de orações, um covil de especulações e trapaceas. O Templo é lugar consagrado às súplicas das criaturas a seu Criador. Foi para terem ali aquele recanto reservado, onde pudessem falar com Deus e seus anjos (ou Espíritos), que os homens construíram seus templos. E' ali que as almas se abrem, chelas de fé, porque lá estão as vibrações puríssimas do Amor do Pai para suas criaturas.

Ali é a famosa escada de Jacó, por onde sobem as preces, as súplicas, as manifestações de amor e gratidão, e por onde descem, em catadupas de amor, as bênçãos e as respostas que os céus enviam às almas da Terra. Profanar um templo é grande crime. Por isso, o Divino Senhor espantou daquele lugar sagrado os que o maculavam com sua cobiça e egoísmo. Naquela acumulação de vibrações de Amor, de Prece, de Perdão, na explosão da sua fé e confiança em Deus, as criaturas achavam-se em Jesus. Ele estava ali na manifestação da mais alcançada efusão de amor para com Deus; e, por isso, Ele disse: «A minha casa é casa de oração. Sim, ali, e onde quer se faça oração, está Ele». «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei». De qualquer forma que o homem se una com o seu Deus, está unido com o Cristo, porque Ele disse: «Eu e meu Pai somos Um». Assim, bem claro ficou seu pensamento quando disse a João: «Não proibais que curem em meu nome, esses não são contra mim.»

E para que estejamos com Cristo, necessário se faz cumprarmos seus ensinamentos evangélicos, não desobedecendo as suas determinações e procurando estar com Ele tanto quanto Ele está conosco.

Deus nos guarde e Jesus nos abençoe.

O CRISTÃO ESPÍRITA

ÓRGÃO DOCTRINÁRIO — EVANGÉLICO

PUBLICAÇÃO
BIMESTRAL



TIRAGEM: MIL
EXEMPLARES

REDAÇÃO: RUA 19 DE FEVEREIRO N.º 19
BOTAFOGO — ESTADO DA GUANABARA

Todo e qualquer artigo, nota ou comentário aqui publicado, não terá revelado o nome de seu autor, se ainda encarnado. Só abriremos exceção para as mensagens mediúnicas que vierem subscritas pelos Espíritos comunicantes e para as transcrições que fizemos, neste caso em obediência à ética.

PAIS IRRESPONSÁVEIS

É inegável a alta importância do papel desempenhado pelas mães na orientação e educação dos filhos. Entretanto, a função dos pais é do mesmo modo relevante. Nem sempre o desinteresse de certas mães pelos graves problemas do lar ocorre por exclusiva culpa delas. Não raro são os maridos diretamente responsáveis por esse desinteresse, assim como pelo desajuste conjugal que enfraquece os laços sustentadores da família.

Por levandade, fraqueza de caráter ou incompreensão dos deveres familiares, eles e elas, mais preocupados com o gozo da vida social ou com a satisfação de desejos pessoais, deixam os filhos sem a assistência e o cuidado necessários, perdendo tempo precioso em companhias duvidosas, fora de casa ou dentro de casa, em reuniões fúteis e prejudiciais à formação do caráter dos filhos, ou se entregam a aventuras suspeitas, tentados pelo jogo, subjugados pelo alcoolismo ou desorientados pelo sexo.

Quantas mães heróicas lutam, sofrendo em silêncio, trabalhando em excesso para cobrir lacunas deixadas pelos maridos frívolos ou inconscientes, pelos pais avessos à responsabilidade, tanto que nem sequer atendem às mais comensuradas despesas para a manutenção da família! Se trabalham, malbaratam o que ganham, tratam friamente as esposas, como se mal as conhecessem, e olham indiferentemente para os filhos, procedendo como criaturas estranhas ao lar. Não têm palavras serenas para a esposa e se dirigem aos filhos como os antigos e grosseiros capatazes aos míseros e desditosos escravos.

Quantas mães santificadas pelo amor ao lar, são forçadas a trabalhar para fora ou fora de casa, além dos encargos domésticos habituais, porque não contam com a ajuda dos maridos! Mães assim, dedicadas até ao sacrifício na defesa dos filhos e do lar, jamais serão corrompidas por esposos desviados do bom caminho.

A felicidade da criatura humana está condicionada a inúmeros fatores, entre os quais o peso da

bagagem cármica dos cônjuges, a compreensão recíproca, o tato imprescindível à eliminação dos contrastes de temperamentos e dos conflitos de desejos e aspirações. Contribuem para a felicidade o saber perdoar oportunamente para que a harmonia não se conturbe nem afetados sejam o sustento e a educação dos filhos. Saber renunciar no momento justo significa, às vezes, transformar o desastre em salvação.

Os filhos devem ser tratados dignamente, com amor equilibrado e quando a energia se fizer precisa, deve ser mesclada de ensinamento ponderado, elucido, edificante. Pancada não educa; humilha. O pai que usa de gritos e ameaças, ou vai a castigos físicos, jamais terá o respeito da mulher e dos filhos. Passa a ser temido, deixa de ser amado.

Eis porque é muito valioso o procedimento dos pais em relação aos filhos, para que estes neles confiem, respeitando-os. Se ficam habituados a gritos, ameaças e pancadas, perdem o sentimento inerente à dignidade humana. E não se corrigem. O comportamento dos cônjuges, dentro e fora de casa, a qualquer hora, influi diretamente no caráter das crianças.

O inadequado comportamento de pais e mães, quer em relação aos filhos, quer em relação a si mesmos, pode afetar negativa e irremediavelmente o futuro moral dos filhos, pelo que de depressivo e destrutivo depositam nos refolhos de sua vida psicológica. Nada mais nocivo à estabilidade material e moral da família do que a indiferença entre marido e mulher. É mister, portanto, que ambos se unam, amando-se sinceramente, a fim de melhor cumprirem os divinos deveres que assumiram com o casamento.

Pensem bem os pais e as mães que, por ventura, se encontrem afastados da trilha certa, porque, se persistirem, estarão semeando de espinhos a estrada por onde terão de voltar um dia, mesmo na atual existência, sob o aguilhão do arrependimento doloroso e inevitável, e do remorso impiedoso, em sua ação punitiva.

"OS QUATRO EVANGELHOS"

O próximo ano assinalará o primeiro centenário da extraordinária obra a que J. B. Rousstaing deu publicidade, intitulada «Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação — Os Quatro Evangelhos — Seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e por Moisés». Resumidamente, é chamada apenas «Os Quatro Evangelhos» de Rousstaing, embora este não tenha sido o seu autor, pois recebeu-a e a coordenou, valendo-se da mediunidade da Sra. Collignon.

J. B. Rousstaing foi um homem respeitável em seu tempo, tendo exercido durante longos anos a advocacia na Corte Imperial de Bordéus, França, onde foi antigo bastonário.

Ao contrário do que supõem alguns poucos opositores de «Os Quatro Evangelhos», essa obra em nada colide com a Doutrina espírita codificada pelo eminente Allan Kardec.

O marechal Raimundo Ewerton Quadro, primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira, organização modelar que citamos aqui com um misto de profundo respeito e não menor admiração, foi também o primeiro tradutor de «Os Quatro Evangelhos», trabalho concluído em 1883, marcando assim a sua primeira tradução em idioma português. Coube a outro

presidente da Federação Espírita Brasileira, dr. Guillon Ribeiro, realizar a segunda e definitiva tradução, dada à luz da publicidade em 1920, em quatro tomos. Essa tradução foi, há poucos anos, cuidadosamente revista e republicada pelo Departamento Editorial da FEB, em 4 volumes. Trabalho primoroso, à altura da importância da obra rousstaingiana.

Após 14 anos de estudos, Bezerra de Menezes, então presidente da Federação Espírita Brasileira, resolveu publicar a tradução da obra de Rousstaing, iniciando a publicação em «Reformador» de 15 de janeiro de 1898, ou seja, nos fins do Século XIX («Reformador», Fevereiro 1947, pág. 43).

Eis o que escreveu o dr. Adolfo Bezerra de Menezes:

«Rousstaing confirma o que ensina Kardec, porém adianta mais que ele. É, pois, um livro precioso e sagrado o de Rousstaing».

Portanto, devem os espíritas estudar profundamente as obras de Kardec e em seguida as de Rousstaing, que lhes permitirão conhecer e interpretar em espírito e verdade os Evangelhos de Jesus.

Guillon Ribeiro teve estas palavras sobre «Os Quatro Evangelhos»: «Obra incomparável, única até hoje no mundo, de valor e importância verdadeiramente extraordinários».

O SERVIÇO DE DESOBSESSÃO — 1

O capítulo IV do livro «Nos domínios da mediunidade», de André Luiz, intitulado «Ante o serviço», ocupa-se por inteiro dos complexos problemas da obsessão. Os ensinamentos nele contidos conduzem ao esclarecimento e à compreensão dos métodos e critérios por nós adotados na «Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes» para o tratamento de obsidiados. Tais critérios foram-nos inspirados por nosso mentor Bezerra de Menezes, sem que compreendêssemos a princípio — o que hoje já não acontece — o alcance e a eficiência dos métodos por ele preconizados, pois diferenciavam do uso geralmente adotado nos meios espíritas a que, então, estávamos acostumados.

NOVOS RUMOS

Não adotamos, pois, o processo de atrair espíritos obsessores para forçá-los, quando incorporados no médium, a aceitar doutrinações. A experiência com os novos métodos, reforçada por fatos, nos tem demonstrado o acerto e a segurança que eles nos oferecem. Os espíritos enfermos, perturbados, viciados ou tangidos por sentimentos vingativos, todos infelizes, sem dúvida, ligam-se aos encarnados que lhes dêem sintonia vibratória e emocional, através dos padrões mentais de várias naturezas ou dos maus hábitos cultivados.

O seguinte trecho do capítulo referido constitui implícito endosso a semelhante critério de trabalho.

Ao aludir a tais enfermos, elucidar: «São almas em turvação mental, que acompanham parentes, amigos ou desafetos às reuniões públicas da Instituição, e que se desligam delas quando os encarnados se deixam renovar pelas idéias salvadoras, expressas na palavra dos que veiculam o ensinamento doutrinário. Modificado o centro mental daqueles que habitualmente vampirizam, essas entidades vêm-se como que despejadas de casa, porquanto, alterada a elaboração do pensamento naquelas a que se afeiçoam, experimentam súbitas reviravoltas nas posições em que falsamente se equilibram». Mais claramente: os espíritos obsessores se afastam de suas vítimas temporariamente, quando sentem que elas vão ser submetidas a tratamento doutrinário e passes, voltando logo que os doentes se achem fora do círculo magnético que favorece a emissão de emanações espirituais do grupo de tratamento.

Em virtude de o fator sintonia psíquica, que se baseia na lei física de que os semelhantes se atraem, pois o mesmo sucede, nos casos de relações de alma a alma, seja de encarnados ou desencarnados, dois indivíduos de idéias e de gostos idênticos se se atraem e unem, quer para realizarem ações normais de seu recíproco interesse, quer movidos por intenções inferiores de natureza agressiva ou maldosa, quer, ainda, pelo desejo de subjugação (do desencarnado ao encarnado), por via da afinidade espiritual entre eles existentes.

SINTONIA E AFINIDADE

Ora, obsessão é consequência, na maioria dos casos, da sintonia entre a vítima e seu algoz, da ligação profunda por sentimentos recônditos de ambos, atados ao coração, à mente, enfim, à alma.

Em tal caso, sintonia e afinidade são como que sinônimos. Mais intenso será o fenômeno, quanto maior sintonia houver entre o obsidiado e o obsessor. Não raro, essa ligação vem de longe, através de outros períodos encarnatórios e, ao se manifestarem no plano físico atual, não deixa margem para que se patenteie de pronto sua remota origem, parecendo ao observador superficial uma ocorrência sem raízes no passado.

O tratamento tem de ser persistente, às vezes longo, para que os laços vibratórios fiquem definitivamente rompidos, conquista somente possível através de os potenciais infinitos da transformação moral do indivíduo. Esta é, portanto, a terapêutica eficiente da obsessão: reeducação moral do obsidiado, objetivamente a melhoria do seu «tonus» espiritual, pela disciplina doutrinário-evangélica, disciplina que revive em nossos tempos em sua forma primitivamente pura, por intermédio de O Consolador Prometido por Jesus — o Espiritismo cristão.

DIFEREM OS TIPOS DE OBSESSÃO

O remédio, conforme demonstrado, é perfeito. Resta saber aplicá-lo adequadamente, porque, em essência, não há vigorosamente dois casos e tipos de obsessão iguais. Portanto, cada qual exigirá compreensão clara das possibilidades de estudos e sondagem da ambiência espiritual do obsidiado e do obsessor, porque, na verdade, ambos são enfermos. O primeiro, um enfermo passivo; o outro, um enfermo ativo.

Seguindo as inspirações dados por Bezerra de Menezes, passamos a preferir e a praticar a doutrinação direta ao encarnado e a indireta ao desencarnado, certos de maior eficiência, aproveitando os veículos de assimilação pela sintonia vibratória estabelecida entre ambos. Uma vez obtida a desejada transformação do encarnado, será profundamente atingido por seus efeitos o desencarnado, entregue aos deslêvos dos dedicados trabalhadores do Invisível, quando o mesmo já se encontrar em condições de assimilar a Doutrina. Em se tratando de um obsessor recalcitrante ou empedernido, buscaremos, sem afrouxar a ação doutrinário-evangélica, mantida também no Espaço pelas falanges socorristas de que nos fala André Luiz, buscaremos, repetimos, afastá-lo da vítima, por esgotamento do campo vibratório em que se sustenta. Tudo isto, frisamos, sem correremos o risco das práticas usuais da incorporação do obsessor em médiums, que, acreditamos, não apresenta o mesmo índice de eficiência. Essa nossa presunção se baseia em que, naturalmente, o espírito obsessor atraído à incorporação, vem contrariado, irritado, raivoso mesmo, por ter sido forçado a penetrar em meio refratário às suas tendências inferiores. Permanece voluntária e teimosamente alheio a esse ambiente que lhe é imposto. Por conseguinte, não oferece o obsessor «entrada» para aceitar a doutrinação real. Não havendo veículo de assimilação emocional tão profícuo como o que se consegue na transformação do campo vibratório e mental do paciente encarnado, todo o esforço se anula.

No próximo número continuaremos este rápido e sucinto estudo).